

RESENHA

João Paulo Thomaz de Aquino*

MEILAENDER, Gilbert. **Bioética**: uma perspectiva cristã. 2ª ed. rev. ampl. São Paulo: Vida Nova, 2009.

Gilbert Meilaender é professor de teologia na Valparaiso University, em Indiana (EUA), desde 1996. Ele já foi editor do *Journal of Religious Ethics* e é autor de *Neither Beast nor God: The Dignity of the Human Person* (Encounter Books: New York, 2009), *The Way That Leads There: Augustinian Reflections on the Christian Life* (Grand Rapids: Eerdmans: 2006) e *The Freedom of a Christian: Grace, Vocation, and the Meaning of Our Humanity* (Grand Rapids: Brazos, 2006), entre outros livros. Sua principal área de interesse é a ética cristã. Neste livro, Meilaender, que também é membro do Conselho de Bioética do Presidente norte-americano, aborda o assunto da bioética a partir de uma clara e bem definida perspectiva cristã.

O primeiro capítulo apresenta a cosmovisão sob a qual o livro foi escrito. A primeira característica dessa cosmovisão é que os cristãos veem os seres humanos como indivíduos que vivem em comunidade. Esta comunidade é, primariamente, com Deus e também de uns com os outros. Em segundo lugar, os cristãos sabem que são livres bem como finitos. Assim, a liberdade e a finitude determinam os limites da experiência e da pesquisa: liberdade para pesquisar, bem como limites a fim de não ferir ou prejudicar outros. Em terceiro lugar, as pessoas são corpos e também almas, e não devem ser definidas pelas suas capacidades. Portanto, mesmo aqueles seres humanos nos quais as capacidades cognitivas não estão presentes, ainda devem ser considerados

* O autor é mestre em Antigo Testamento pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper – CPAJ (2007) e mestre em Novo Testamento pelo Calvin Theological Seminary (2009). É professor de Novo Testamento no CPAJ e no Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. É ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, atuando na plantação de uma igreja no bairro da Luz, em São Paulo.

peessoas. Na verdade, eles são as pessoas mais fracas e carentes de proteção. Em quarto lugar, o sofrimento, para o cristão, tem uma razão de ser, um papel a desempenhar em suas vidas. É por meio do sofrimento de Deus que eles afirmam que foram salvos e, assim, eles não aceitam que a medicina tome para si o papel de redentora e salvadora dos sofredores. Em quinto e último lugar, os cristãos creem que tanto a doença quanto a cura vêm de Deus e, por vezes, ele opera esta última sem utilizar-se de que qualquer meio que a medicina ou outra área do conhecimento possam oferecer.

O segundo capítulo, “Procriação vs. Reprodução”, começa mostrando como as mudanças de termos apontam para mudanças de conceitos e crenças a respeito da natureza da liberdade e da identidade do ser humano. Depois disso o autor considera a importância dos laços biológicos. A seguir, Meilaender tenta convencer seus leitores de que a reprodução assistida com o uso de um terceiro elemento que doa ou empresta (aluga) esperma, óvulo ou útero deve ser considerada errada. Seus principais argumentos são a deterioração dos laços biológicos e a “produtificação” do ser humano que esse tipo de reprodução causa. A argumentação do autor neste ponto não é tão bem fundamentada como seria de se esperar. Ele não descarta a possibilidade de reprodução assistida em casos nos quais não haja envolvimento de uma terceira parte, mas levanta algumas preocupações importantes a respeito desse tipo de reprodução. Por exemplo, uma dessas preocupações é, novamente, a redução do embrião a um produto e, ainda mais importante, o que fazer com os embriões que não são perfeitos e que restam de um tratamento cujo resultado foi um sucesso? Meilaender também considera errada a possibilidade de uma mulher emprestar seu útero para desenvolver o feto de outra. Neste caso as objeções são a confusão do papel de mãe e, novamente, a pressuposição de que alguém pode usar o seu corpo da maneira que quiser, mesmo que seja como um objeto por meio do qual se pode prestar um serviço. O autor afirma que a procriação não é o exercício de um direito e nem um meio de autossatisfação.

Aborto é o assunto do terceiro capítulo. Meilaender começa com uma discussão a respeito de quando começa a vida humana. Ele afirma que os cristãos, via de regra, distanciam-se de outros com relação a esse assunto, por causa de sua posição clara de que a vida intrauterina já deve ser considerada como vida humana. Então ele apresenta dados da engenharia genética que fundamentam a importância primordial do evento da concepção. De forma estranha, entretanto, o autor afirma que para ele a vida humana somente começa alguns dias depois da concepção. Seus argumentos são de que 50% dos óvulos fertilizados não conseguem se implantar com sucesso no útero e que nos primeiros catorze dias depois da fertilização a individualidade ainda não está firmemente estabelecida e o blastocisto pode segmentar, resultando em uma gravidez de gêmeos univitelinos. Baseado nesses argumentos, Meilaender pensa que uma intervenção médica que ocorra logo depois de um estupro é algo correto. Ele

também afirma que pílulas e dispositivos intrauterinos devem ser considerados contraceptivos em vez de procedimentos abortivos. O próprio autor, entretanto, considera a possibilidade de a vida humana começar já na concepção, visto que não há nenhuma razão científica ou lógica para não considerar um óvulo fertilizado como um ser humano (ou mais de um).

O restante desse capítulo levanta a questão da pessoalidade e da privacidade da futura mãe. O autor afirma que não é possível definir pessoalidade em termos de capacidades, tendo em vista que se o fizermos, muitos seres humanos vivos estarão fora dessa definição e, conseqüentemente, poderiam ser eliminados. Com relação à privacidade da mãe enquanto o feto ainda é dependente dela, Meilaender enfatiza o quanto essa dependência aponta para a profunda relação e ligação que existem entre mãe e filho(a). Ele concorda, entretanto, com o aborto em casos de estupro e quando a vida da mãe estiver em perigo, entretanto somente como exceções e se for completamente impossível à mãe levar a gravidez a termo.

O quarto capítulo lida com o “Desenvolvimento Genético”. Esse capítulo apresenta em uma linguagem bastante acessível o que são o mapeamento e a terapia genéticos. Esta segunda é subdividida em terapia de célula somática e de célula tronco. Meilaender descarta a última porque ela significa a transformação do ser humano. Suas preocupações estão relacionadas à liberdade para fazer isso. Outra preocupação do autor diz respeito à função dessas terapias, se são usadas para curar doenças ou para fortalecer uma característica pretensamente boa. Meilaender discorda fortemente deste segundo uso da terapia genética. O uso da terapia de célula somática visando curar alguém com uma doença e o mapeamento visando prevenir os portadores de ter uma criança não saudável são aceitos com restrições pelo autor.

O capítulo seguinte está intimamente relacionado com o anterior. O assunto é seleção ou mapeamento pré-natal. Logo de início o autor se posiciona afirmando que a forma pela qual o mapeamento pré-natal tem sido feito, a fim de considerar o aborto como um possível “tratamento”, está completamente errada. Além dos argumentos dados no capítulo sobre o aborto, aqui o autor considera que o mapeamento pré-natal muda os laços que existem entre a criança e a mãe, tornando a criança desejável somente se for “perfeita”. Assim, o relacionamento começa com uma distância e não com amor e um vínculo profundo. Alguns aspectos legais, frutos dessa mudança no relacionamento entre mãe e filho(a), também são considerados.

O sexto capítulo lida com “Suicídio e Eutanásia”. Os cristãos creem que são criaturas de Deus que não têm o direito de fazer qualquer coisa como se não fossem ter de prestar contas. Assim, dar um fim à própria vida ou ajudar alguém a terminar com a sua seria agir como Deus e não como criatura. É exatamente por entenderem que existe um Deus criador, que, por conseqüência, é soberano, que os cristãos não aceitam os argumentos da liberdade ou da terminação

do sofrimento. Meilaender leva esses argumentos às últimas consequências aplicando-os a outras situações nas quais as pessoas normalmente não aceitariam matar a outra. Para o autor, o princípio que governa a compaixão cristã não é a minimização do sofrimento, mas a maximização do cuidado. Portanto, tendo em vista que o sofrimento tem os seus propósitos, considerando também que os seres humanos não têm o direito de dar um fim a sua própria vida e à vida de outros e considerando ainda que os mesmos princípios usados para justificar a eutanásia não se aplicam em situações semelhantes, deve-se negar o suicídio e a eutanásia como opções morais de morte.

O sétimo capítulo é a respeito de rejeição de tratamento. Meilaender consegue com bastante sucesso traçar uma linha de separação entre objetivar a morte e tomar uma decisão que resulte em morte, bem como entre tratamentos ordinários e extraordinários. Ele afirma que qualquer ação que vise a morte deve ser considerada moralmente errada. Por outro lado, o autor também acredita que alguém pode negar um tratamento extraordinário, isto é, que seja experimental e que tenha consequências drásticas demais para o paciente. O capítulo contém ainda uma seção muito útil sobre dizer a verdade no leito de morte.

O capítulo seguinte continua a discussão do anterior, questionando quem decide. O capítulo lida com as decisões a respeito da vida e da morte, como, por exemplo, um paciente consciente que deixa claro que não quer ser tratado em caso de câncer. O capítulo ainda discute sobre quem recai o peso da decisão em caso de pacientes incompetentes. Não existem respostas fáceis a respeito desses assuntos, como o autor afirma, mas, de acordo com sua cosmovisão, os cristãos não deveriam ver a si mesmos como senhores de sua vontade, tendo em vista que reconhecem ser dependentes da vontade de Deus.

O capítulo “Dádivas do Corpo: Doação de Órgãos” foi para este leitor um dos mais complicados no sentido de decidir qual é a melhor decisão em alguns casos. A maior preocupação que Meilaender levanta é a respeito de tratar o corpo humano como uma fonte de órgãos, e nisto o autor está correto. O problema, entretanto, está no coração e não na ação. Parece que a morte cerebral é um bom critério da maneira como o autor o apresenta, mas o capítulo ajuda a entender que é apenas um critério e que outros já foram usados, os quais, hoje, seriam considerados limitadíssimos e errôneos. O caso mais problemático apresentado pelo autor é o de bebês anencéfalos, no qual o autor afirma que o mesmo critério de morte cerebral também deveria ser observado. Eu concordo com o autor em suas preocupações, mas daria mais suporte ao transplante de órgãos do que ele demonstra fazer, ainda que concorde que a noção do corpo como uma fonte de órgãos deve ser firmemente evitada.

O capítulo dez continua o assunto do anterior. Seu título é “Dádivas do Corpo: Experiências com Seres Humanos”. O autor enfatiza fortemente a necessidade de consenso e adverte contra a tendência de desprezar o corpo e

a vida quando o objetivo é o avanço da ciência que pode causar o bem para outras pessoas.

O último capítulo é uma palavra final sobre doença, responsabilidade e saúde. O autor mostra que a Bíblia nem sempre afirma que a doença é resultado de pecado; ela também não exclui essa possibilidade. Mas a Bíblia sempre afirma que há esperança em meio à doença. O livro de Meilaender é muito bem escrito. Apesar do assunto, sua linguagem é acessível e o texto repleto de boas ilustrações e dados importantes. As posições do autor são consideradas, argumentadas e fundamentadas com seriedade, em uma cosmovisão cristã. Assim, este livro deve ser lido por pessoas que trabalham ou pesquisam na área da saúde bem como por outras pessoas interessadas em conhecer uma posição cristã bem fundamentada acerca da bioética.

